

## LÉXICO E ÁREAS DIALETAIS: O QUE PODEM DEMONSTRAR OS DADOS DO ALiB

Vanderci de Andrade Aguilera(UEL/CNPq)

*La parola nella sua intima essenza muta continuamente nel suo incessante individuarsi e disindividuarsi.* (Bertoni, Giulio 1928, p.14)

### APRESENTAÇÃO

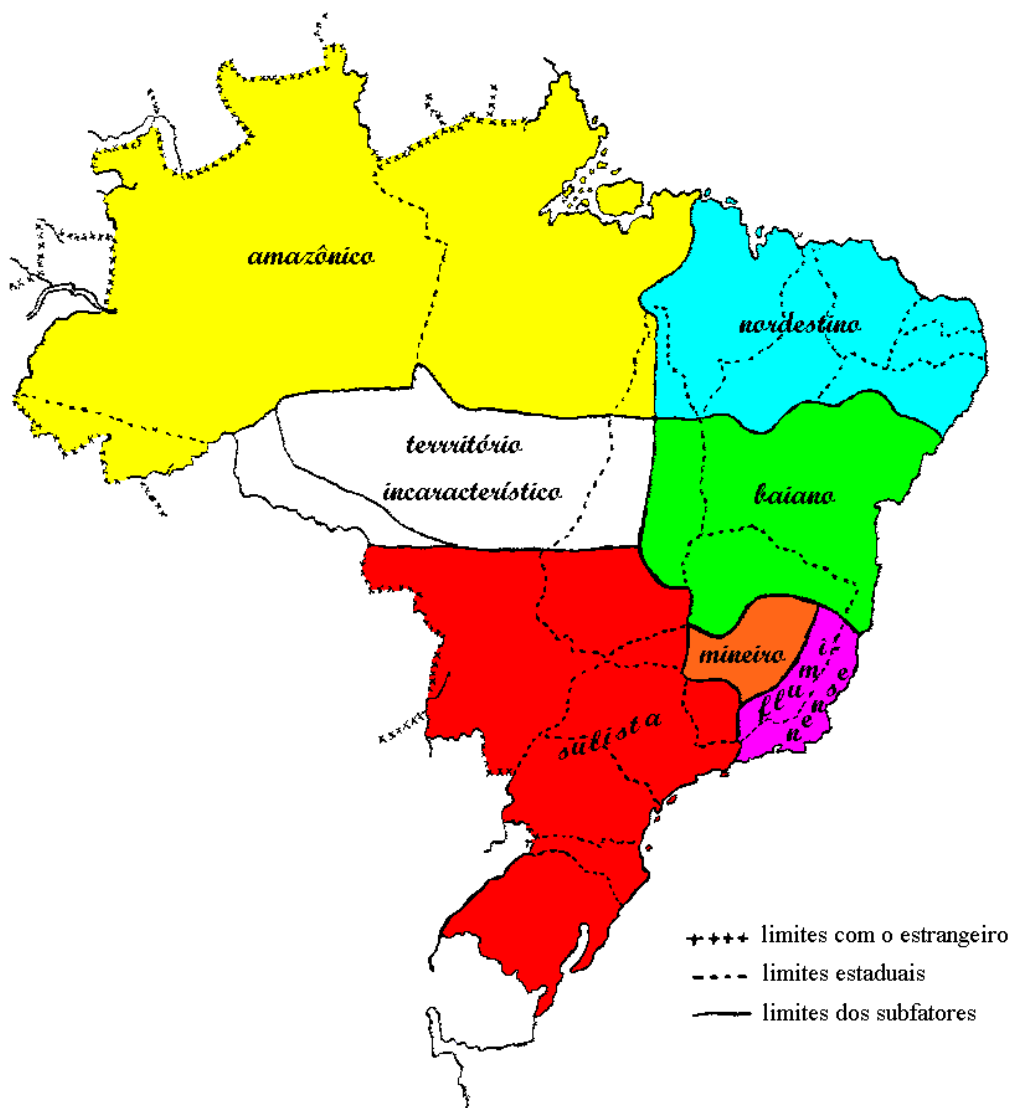
O Projeto do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB - caminha para a publicação dos primeiros volumes, priorizando, nesta etapa, a análise (i) dos procedimentos metodológicos adotados no desenvolvimento da pesquisa e (ii) os fatos fonéticos definidores ou não de áreas dialetais.

Nascentes (1953, p. 19-20), ao tratar da posição do linguajar carioca no conjunto dos falares brasileiros, esclarece que:

*De um modo geral se pode reconhecer uma grande divisão (do falar brasileiro): norte e sul; norte, até a Baía e de lá para baixo. No sul não há vogais protônicas abertas antes do acento (salvo determinados casos de derivação) e a cadencia é diferente da do norte.*

Acrescenta que *é palpável a diferença entre a fala cantada do nortista e a fala descansada do sulista* (1953, p. 20), e subdivide o falar nortista em dois subfalares (o amazônico e o nordestino) e o do sul em quatro subfalares: (i) o baiano, intermediário entre os dois grupos, abrangendo Sergipe, Bahia, o norte, nordeste e noroeste de Minas e o norte de Goiás (atualmente território do Estado do Tocantins); (ii) o fluminense, abrangendo Espírito Santo, Rio de Janeiro, a Mata e o leste de Minas Gerais; (iii) o mineiro, compreendendo o centro, o oeste e parte do leste de Minas Gerais; e (iv) o sulista, compreendendo São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (sul e Triângulo mineiro), sul de Goiás e Mato Grosso, que até então compreendia os atuais estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Explica, ainda, o autor que:

*O perímetro compreendido entre a parte da fronteira boliviana (rios Verde, Guaporé, Mamoré até o Abunã), a fronteira de Mato Grosso com Amazonas e Pará (rios Madeira, Juparaná, Uruguatás, Três Barras, Cariáí, Xingu, Fresco e Aquiqui e a serra do Estrondo), é praticamente despovoado e portanto incaracterístico.* (1953, p. 26).



Montagem: Kika Milani (kikamilani@uol.com.br)

Fonte: Antenor Nascentes, *O Linguajar carioca*, 2. ed., 1953

Neste trabalho, no entanto, focalizamos nossa discussão sobre a possibilidade de estabelecer áreas dialetais no português falado no Brasil a partir de dados lexicais. O próprio Nascentes (1953, p. 23-36), na seção destinada a *Especificações do Questionário Geral*, desenvolve, em catorze páginas, uma exaustiva relação de palavras de vários campos semânticos (mas com ênfase na flora e na fauna brasileiras), a serem investigadas, indicando para cada uma as variantes possíveis. A título de ilustração citamos: *atiradeira, baladeira, estilingue, forquilha; barbeiro, bicho-de-parede, chupança, chupão, fincão, fincudo, percevejo, gaudério, procotó; beija-flor, colibri, cuitelo* (p. 26).

O dialetólogo admite, pois, a existência de grandes diferenças entre os falares dos vários Estados brasileiros no nível do léxico e retoma a fala de Silva Neto que igualmente reitera a mesma constatação de diferenças nesse nível da língua. Faltavam - e ainda faltam - no entanto, estudos que pudessem/ possam determinar as isoglossas. Na verdade, os dialetólogos que o sucederam teriam apenas que confirmar ou refutar a existência das variantes lexicais que o grande mestre estava propondo.

Não só no Brasil essa tese era defendida. Em Portugal, por exemplo, linguistas do porte de Cintra dedicavam-se a comprovar a existência de áreas dialetais baseadas na distribuição das variantes lexicais. Observamos, por exemplo, nos capítulos 4 e 5 de Cintra (1995), a discussão sobre as áreas lexicais no território português, documentada com mapas com a distribuição das variantes *cabrito* (ao norte e oeste) e *chibo* (ao sul e leste).

Nascentes, embora reservando o último lugar para o léxico, em sua obra, acreditava que as palavras teriam uma distribuição espacial que poderia indicar limites de áreas dialetais. Nesta linha de investigação, este trabalho tem como objetivo verificar, por meio dos dados coletados em vinte e cinco capitais brasileiras, nas perspectivas diatópica e diastrática, a possibilidade de aplicar, a partir de dados lexicais, a mesma proposta de divisão dialetal do português falado no Brasil, que Nascentes (1953) apresentou com base em dados fonéticos, conforme explicitamos acima.

Sabendo-se que essa proposta se alicerçava em fatos fonéticos, ou seja, na distribuição das variantes fonéticas abertas ou fechadas do /e/ e do /o/ pretônicos pelo espaço brasileiro, buscamos verificar as convergências e divergências entre a distribuição de dados fonéticos com dados semântico-lexicais, coletados depois de decorridos mais de oito décadas entre a primeira proposta de Nascentes (1923, reformulada em 1933 e também publicada na segunda edição d'O Linguajar Carioca, em 1953) e a que os dados do ALiB proporcionam hoje para discussão.

## 1. MAPEAMENTOS LEXICAIS PRELIMINARES: PRIMEIROS ESTUDOS

Os Questionários do ALiB (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001) foram elaborados com propósitos bem definidos: uma parte destinada especificamente para a variação fonética (QFF, com 159 questões e mais 10 questões de prosódia), outra para a lexical (QSL, com 202 questões) e uma terceira para a variação morfossintática (QMS, com 49 questões). As variantes buscadas nestes níveis mediante questionários específicos, sobretudo o fonético, podem eventualmente ser encontradas também nos discursos obtidos mediante outros estilos, como nos discursos semidirigidos e na leitura de texto<sup>1</sup>.

Este trabalho, pois, conforme explicitamos, foi desenvolvido com o *corpus* constituído para o Projeto ALiB, voltando-se para o estudo do léxico, ou melhor, das variantes lexicais extraídas de vários campos semânticos, capazes de sustentar uma proposta de divisão dialetal do Brasil.

Para tal, selecionamos algumas questões do QSL dos referidos Questionários ALiB que se mostraram mais favoráveis ao estabelecimento de isoglossas em estudos experimentais, tais como os de Yida e Aguilera (2006), Pastorelli e Aguilera (2007), Silva e Aguilera (2007) e Romano e Isquardo (2008), que tratam, respectivamente da distribuição diatópica e diastrática de algumas variantes lexicais extraídas (i) do campo semântico da alimentação e cozinha, (ii) das partes do corpo humano, (iii) da fauna e (iv) da vida rural.

Yida e Aguilera (2006) destacam o *papel da geolinguística no estudo da variação lexical: o contexto da alimentação e cozinha no Brasil*, com base na análise das

---

<sup>1</sup> Além dessas, trazem questões de interesse para a prosódia e para a apuração de dados metalinguísticos.

variantes registradas na resposta dos informantes de treze das vinte e cinco<sup>2</sup> capitais, relativas às questões 176: *Primeira refeição matinal*; 177: *geléia*; 178: *carne moída*; 179: *curau/canjica*; 180: *curau*; 181: *mungunzá/canjica*; 182: *aguardente*; 183: *empanturrado*; 184: *glutão*; 185: *bala/confeito/bombom*; 186: *pão francês* e 187: *pão bengala*.

Pastorelli e Aguilera (2007) analisam *as variantes cultas e populares na denominação de partes do corpo humano*, a partir dos dados do ALiB coletados nas capitais, com os objetivos de (i) oferecer subsídios para a elaboração do ALiB; (ii) conhecer a realidade linguística regional brasileira, no que se refere ao campo semântico do Corpo Humano, por meio das variantes coletadas nas capitais dos estados; (iii) fazer a distribuição diatópica das variantes em cartas geolinguísticas; (iv) analisar as variantes com base nas variáveis sexo e faixa etária; (v) verificar a possibilidade de traçar linhas de isoléxicas.

Ao final da pesquisa, as autoras constataram que (i) é alta a frequência de formas populares, como *capela e pele* para *pálpebra*; e *adão, nó, caroço, maçã* para *gogó*; (ii) as variantes mais cultas, ou de maior prestígio, estão se incorporando gradativamente à linguagem popular, haja vista a produtividade de *pálpebra e gogó*; (iii) alguns informantes ainda manifestam certa dificuldade para distinguir e nomear partes do corpo; (iv) é notória a insegurança de alguns em dar como resposta uma forma não prestigiada, o que levou, provavelmente, a índice expressivo de abstenção; e (v) algumas variantes, como *pálpebra e gogó*, são comuns à grande maioria dos pontos linguísticos em questão.

Silva e Aguilera (2007), analisando a distribuição diatópica e diastrática das variantes obtidas a partir das respostas da questão 64, para *urubu/corvo*, nas 25 capitais, concluíram, entre outros, que: (i) A variante do português brasileiro *urubu* é predominante em todo o território analisado, demonstrando a manutenção de formas de base tupi; (ii) A variante *corvo*, encontrada em Florianópolis, parece estar ligada à influência açoriana ou à presença dos gaúchos durante a fase do Tropeirismo (séculos XVII e XVIII). Este último movimento parece ter influenciado a presença da variante *corvo* também em Curitiba; (iii) A variante *corvo* não está sendo repassada às novas gerações de falantes, podendo vir a tornar-se um arcaísmo linguístico.

Sob a orientação de Isquierdo, Romano (2007) estudou *Marcas de ruralidade no vocabulário do homem urbano*, com base nas respostas dadas às questões 42, 43 e 44 (denominações para *penca, bananas duplas, inflorescência do cacho da bananeira*) dos Questionários do ALiB.

## 2. A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS LEXICAL DO ALiB PARA ESTE ESTUDO

Motivada pelos estudos acima, selecionamos seis campos semânticos e extraímos uma questão de cada um deles para nossa análise. O *corpus* se constitui das respostas dadas pelos 200 informantes às Questões: 001. *córrego/riacho* (Campo: Acidentes geográficos); 039. *tangerina/mexerica* (Campo: Atividades agropastoris); Questão 067: *galinha d'angola/guiné/cocar* (Campo: Fauna); 102. *meleca/tatu* (Campo: Corpo humano); Questão 146. *Toco de cigarro* (Campo: Convívio e Comportamento social) e 185. *bala* (Campo: Alimentação e cozinha).

<sup>2</sup> Na época, Yida dispunha apenas do *corpus* constituído pela equipe da Regional Paraná. Hoje é possível acessar os dados das demais capitais, portanto das vinte e cinco que compõem a rede de pontos do ALiB.

Como nosso objetivo é verificar a distribuição espacial de variantes léxicas capazes de constituir áreas ou zonas de isoglossas e, por isso mesmo, de apontar para uma divisão dialetal, compilamos os dados e selecionamos as variantes mais frequentes. Assim, se dentre os oito informantes da localidade em questão cinco ou seis registraram a mesma variante, as demais foram desprezadas<sup>3</sup>. Se, na fala dos oito informantes, tivemos duas ou três formas concorrentes, todas elas foram mapeadas e consideradas na análise.

## **2. 1 A distribuição das variantes lexicais para denominar *um rio pequeno de mais ou menos dois metros de largura*.**

Em resposta à Questão 1 do QSL, além das variantes mapeadas, ocorreram outras, não computadas e em menor quantidade, consideradas inadequadas, como *lago*, *represa*, *poço*, *tanque*, *açude* e outras que estavam contidas na formulação da pergunta, como *rio pequeno* e *riozinho*.

Quanto às respostas válidas, nas capitais da região Norte, predomina a variante *igarapé* nas capitais do Amapá, Roraima, Amazonas, Acre e Rondônia e concorre com *riacho* em Belém. Nas da região Nordeste, a forma predominante é *riacho*, concorrendo com *córrego* apenas em Natal.

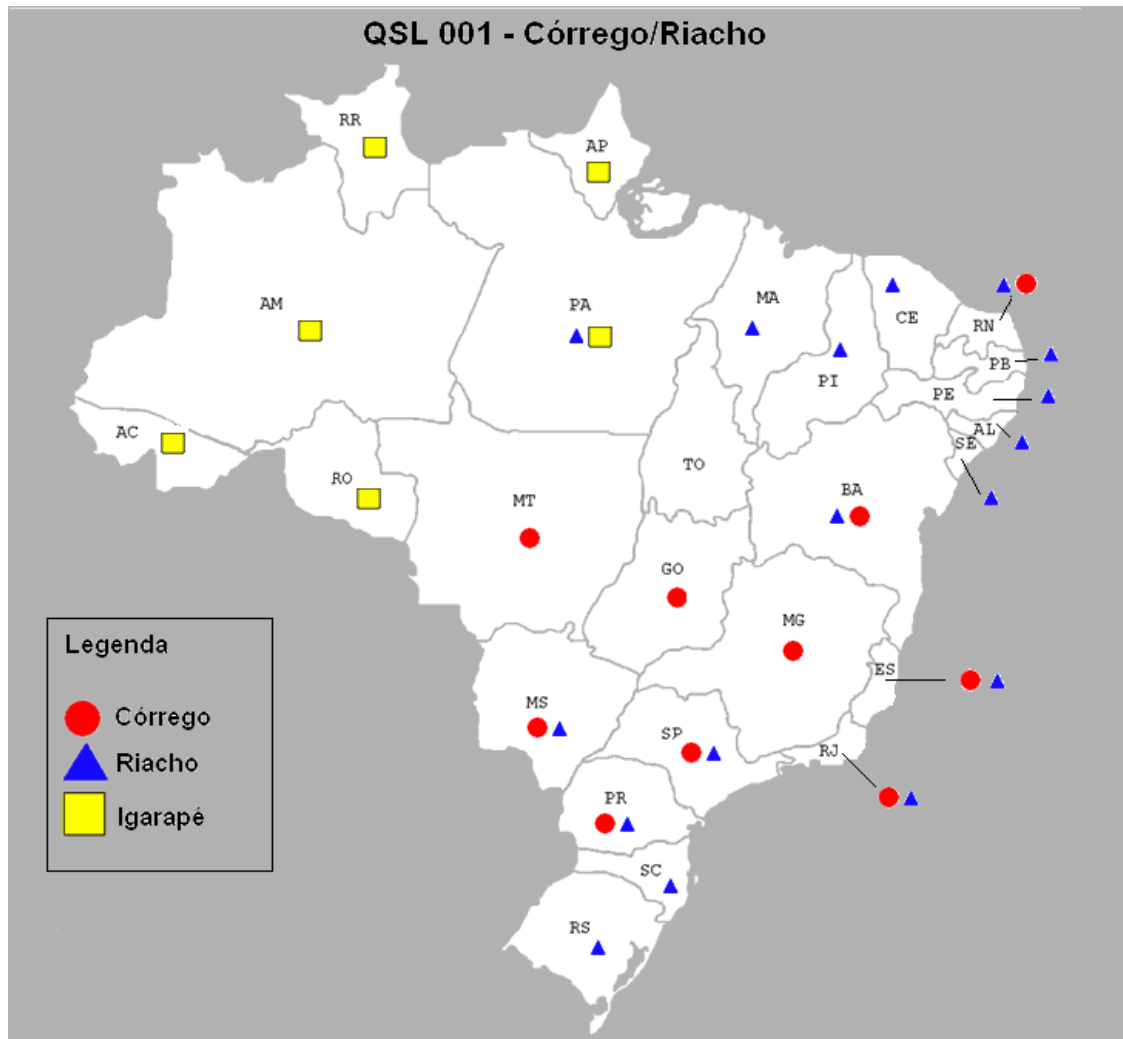
Nas capitais da região Centro-Oeste, porém, concorrem *riacho* e *córrego* (predominantemente na forma paroxítona: *corgo*), com a seguinte distribuição: em Cuiabá e Goiânia ocorreu apenas *córrego* e sua variante fonética *corgo*; em Campo Grande concorrem *riacho* e *córrego*. A distribuição dessas variantes demonstram que, decorridos quase oitenta anos da primeira proposta de Nascentes, o território denominado incaracterístico devido ao despovoamento, hoje está plenamente povoado, pelo menos no que tange à ocupação das capitais, apresentando traços característicos da linguagem que ali se está formando, ora com a influência das demais regiões de onde procederam seus desbravadores, ora mantendo traços do substrato espanhol.

Na região Sudeste, também concorrem: *córrego* e *riacho* principalmente em Vitória e São Paulo. Em Belo Horizonte só registramos *córrego*. No Rio de Janeiro concorrem *córrego* e *riacho*. Finalmente, na região Sul, em Florianópolis e Porto Alegre, predomina a variante *riacho*, que concorre em Curitiba com *córrego*.

No mapa experimental do ALiB, que elaboramos especialmente para este evento, podemos verificar essa distribuição mais claramente, que corrobora a divisão dialetal do Brasil, defendida por Nascentes, em dois grandes falares: o do Norte, com *igarapé*, representando o subfalar amazônico e *riacho*, o subfalar nordestino; e o do Sul com *córrego* e *riacho*, sem, contudo, as respectivas subdivisões apresentadas. A Bahia fica como intermediária na grande divisão com *córrego* e *riacho*.

---

<sup>3</sup> Esse descarte vale apenas para o presente trabalho uma vez que reconhecemos a importância de preservar todas as variantes coletadas pelas possibilidades que abrem para a discussão da formação do léxico e da história da língua portuguesa no Brasil.



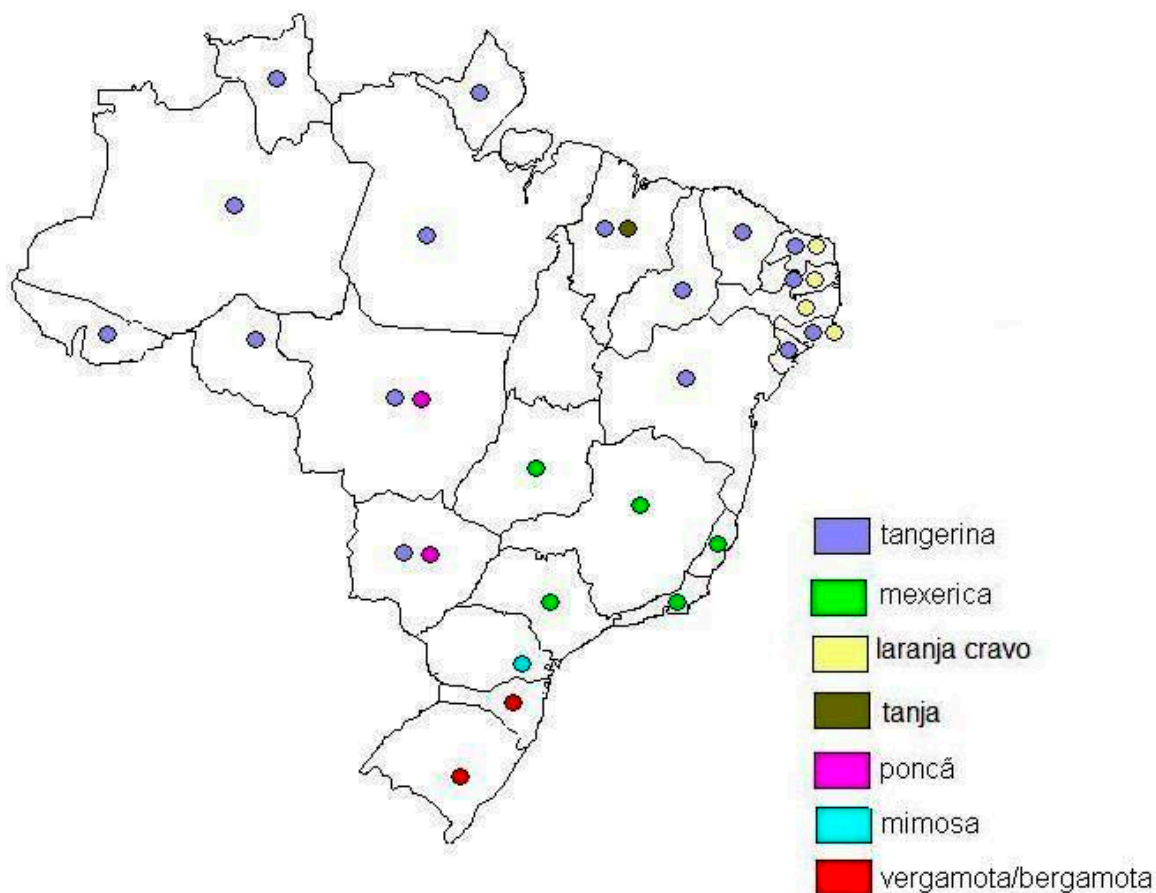
Mapa preparado *ad hoc* pelas alunas Juliana Franco e Vanessa Yida (UEL: 2009).

## 2. 2 A distribuição das variantes lexicais para denominar a *fruta da família da laranja que se descasca com as mãos*.

Sobre a Questão 039, para a *fruta da família da laranja que se descasca com as mãos*, a variante *tangerina* é comum a quase todas as regiões, predominando como única forma no Norte, nas seis capitais. No Nordeste, *tangerina* concorre com *tanja* em São Luís, mas é forma única em Teresina, Fortaleza, Sergipe e Salvador. Em Natal, João Pessoa e Maceió, concorre com *laranja cravo*, não aparecendo em Recife onde só ocorre esta última. Quanto à região Centro-Oeste, *tangerina* concorre com *poncã* em Cuiabá e Campo Grande. Em Goiânia, porém, predomina a *mexerica*, forma absoluta nas quatro capitais da região Sudeste. A região Sul está dividida: Curitiba só registra *mimosa*, enquanto Florianópolis e Porto Alegre apresentam a *vergamota* ou *bergamota*.

Comparando a distribuição desses dados do ALiB com a divisão proposta por Nascentes, podemos afirmar que há semelhanças e diferenças entre ambos os mapeamentos, pois: (i) a região Norte mantém a unidade em torno de uma forma que podemos considerar como padrão para o PB (*tangerina*), não representando especificamente o falar do Norte nem o subfalar amazônico; (ii) o mesmo se pode afirmar em relação à ausência de um subfalar nordestino, pois, na região Nordeste:

Teresina, Fortaleza, Sergipe e Salvador assumem a forma genérica *tangerina*; que, em São Luís, concorre com a forma dialetal *tanja*. Nas quatro capitais restantes: Natal, João Pessoa, Recife e Maceió, predominam traços do subfalar nordestino com a variante *laranja-cravo*, que concorre com *tangerina* nas três primeiras, mas é a única forma em Recife; (iii) Quanto à distribuição das variantes no espaço destinado por Nascentes ao falar do Sul, as capitais do Sudeste não apresentam indícios diferenciados para os subfalares mineiro, fluminense e sulista, conforme propusera Nascentes, pois se registrou a variante *mexerica* como exclusiva para as quatro capitais (Vitória, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo). Finalmente, quanto à região Sul, destacamos duas formas dialetais: a *mimosa* em Curitiba; e a *vergamota/bergamota* em Florianópolis e Porto Alegre. No então território incaracterístico de Nascentes, duas formas estão concorrendo: a *tangerina* e a *poncã*; esta última não se distingue como outra variedade da *tangerina*, mas como o nome da própria fruta.



Mapa preparado *ad hoc* pelo aluno Valter Romano (UEL: 2009).

### 2. 3 A distribuição das variantes lexicais para denominar a ave da família da galinha que tem as penas brancas com pintinhas pretas

Sobre a Questão 067, para a ave da família da galinha que tem penas brancas com pintinhas pretas, a variante *picote* é a mais produtiva na região Norte, ocorrendo em todas as capitais, exceto em Rio Branco onde se registrou apenas *capote*.

A região Nordeste traz nas capitais, exceto em Maceió, a variante *angola*, além de formas bem delimitadas diatopicamente, como *capote* em São Luís, Teresina e Fortaleza;

*guiné* em Natal, João Pessoa, Recife, Maceió e Aracaju; e *tô fraco* em João Pessoa, Maceió e Aracaju.

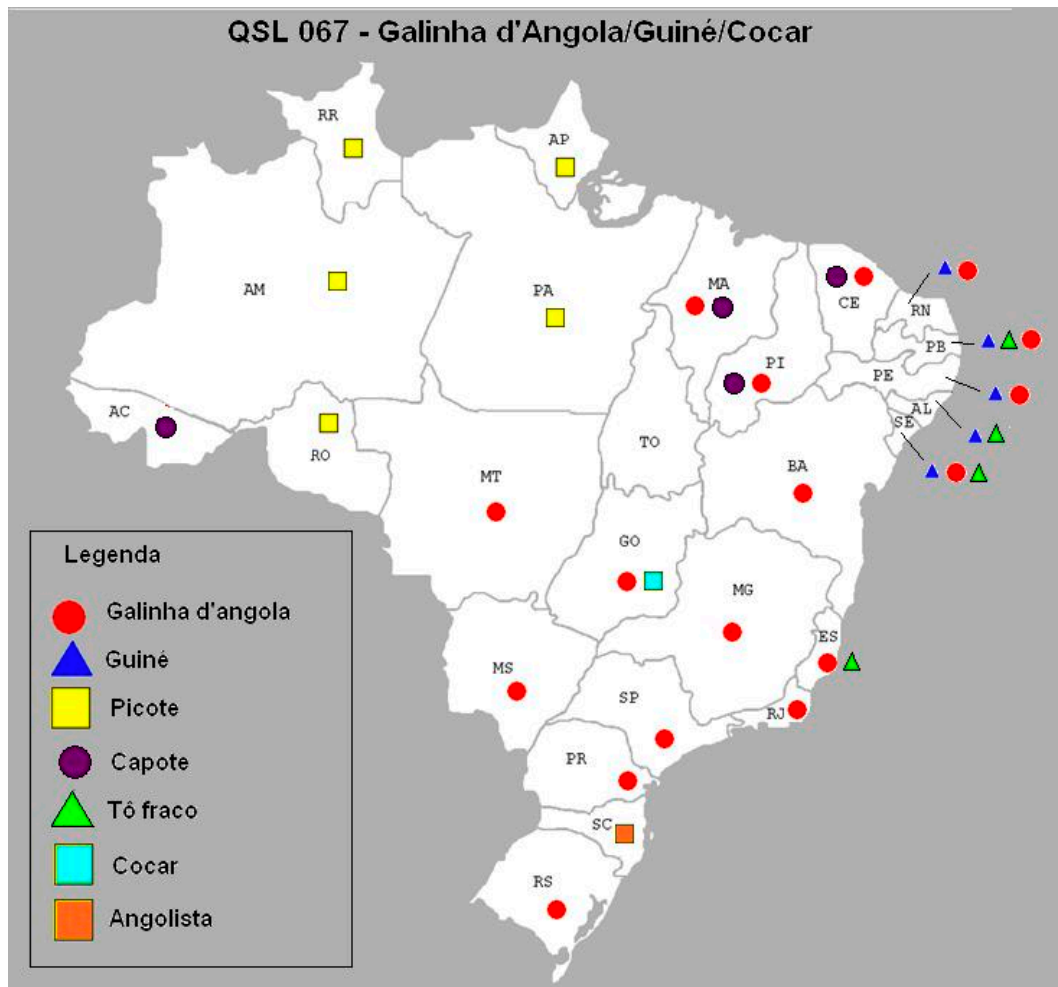
Na região Centro-Oeste, predomina *angola* ou *galinha d'angola* em Cuiabá e Campo Grande. Em Goiânia, porém, duas variantes concorrem: *cocar* e *angola* com o predomínio desta última. Dentre as capitais da região Sudeste, *angola* é a única forma em Belo Horizonte e São Paulo. Em Vitória, porém, está em luta com duas outras formas concorrentes: *tô fraco* e *galinhola*. Quanto à região Sul, em Curitiba e Porto Alegre a única forma produtiva é *angola*, enquanto em Florianópolis predomina a variante *angolista*.

Comparando a distribuição desses dados do ALiB com a divisão proposta por Nascentes, podemos afirmar que há, igualmente, semelhanças e diferenças entre ambos os mapeamentos, pois, a região Norte mantém como prioritária a variante *picote* que não ocorre em nenhuma outra região, podendo, portanto, ser considerada a forma dialetal por excelência do falar amazônico, com exceção de Rio Branco, onde *capote*, por sua vez, é a única forma, certamente trazida na época da exploração das seringueiras, como variante dialetal, pelos nordestinos ou nortistas: maranhaenses, piauienses e cearenses conforme documenta a carta abaixo.

O falar nordestino de Nascentes está muito bem documentado com as variantes *capote*, conforme expusemos, e com *guiné*, que se circunscreve às capitais dos estados nordestinos da costa leste.

Quanto à *angola* ou *galinha d'angola* pode ser considerada a variante padrão do PB, por estar presente na maioria das capitais das regiões Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste e Sul, ora como variante majoritária, ora como concorrente de outras formas dialetais. A única exceção está em Santa Catarina com a variante provavelmente açoreana, *angolista*.





Mapa preparado *ad hoc* pelas alunas Juliana Franco e Vanessa Yida (UEL: 2009).

## 2. 4 A distribuição das variantes lexicais para denominar a sujeira dura que se tira do nariz com o dedo

Sobre a Questão 102, para *a sujeira que se tira do nariz com o dedo*, do campo Corpo Humano, o *corpus* traz duas dezenas de variantes, como *bicho-do-nariz*, *bostela*, *caca*, *cacaraca*, *carne seca*, *cataca*, *cataraca*, *catarata*, *catarro*, *cateto*, *catota*, *cera*, *cutia*, *meleca*, *mucosa*, *moco*, *ranho*, *tatu*, *tiririca* e *tutu*, com as mais diversas formas de distribuição diatópica.

Nas seis capitais dos Estados da região Norte, *bostela* é registrada como forma exclusiva em Macapá e Belém e concorre com *meleca* em Manaus. *Meleca*, por sua vez, concorre com *cataraca* em Boa Vista, Rio Branco e Porto Velho. Nesta última, concorrem três variantes: *meleca*, *caca* e *cataraca*.

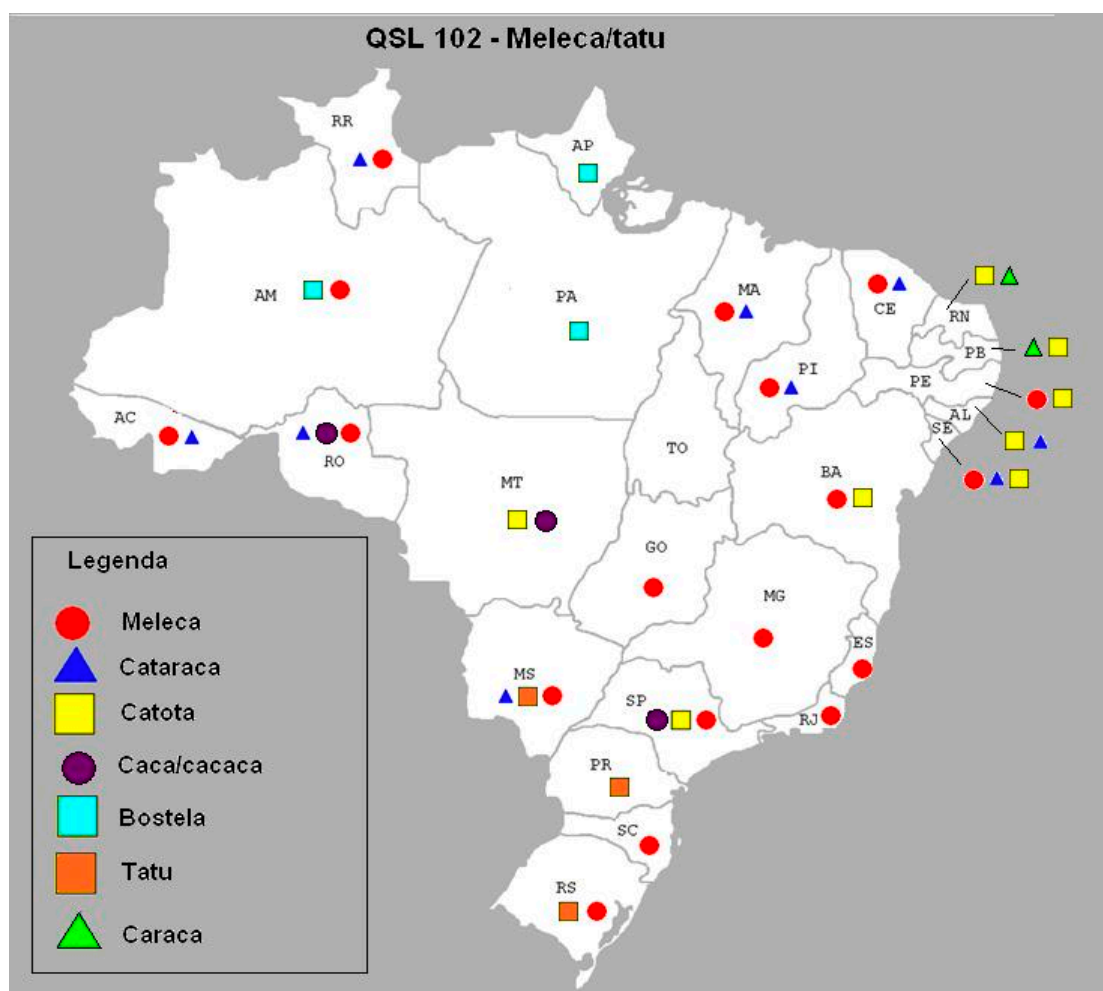
Na região Nordeste, *meleca* concorre com *cataraca* em quatro capitais: São Luís, Teresina, Fortaleza e Aracaju e com *catota* em Recife. *Catota*, por sua vez, é forma bastante produtiva nas demais capitais nordestinas, bem como em Cuiabá e São Paulo.

Na região Centro-Oeste, os vinte e quatro informantes apresentaram o maior número de variantes: *meleca*, *ranho*, *cutia*, *cataraca*, *tatu*, *cera*, *cacaca*, *cateto*, *catota*, *carne seca*, *catarro* e *tutu*. Dentre elas, *meleca* e *ranho* são as mais frequentes com seis (25%), e quatro (23%) das ocorrências, respectivamente. Não temos, portanto, uma forma predominantemente regional. Em Cuiabá, *ranho* concorre com *catota* e *cacaca*.

Em Campo Grande, com a mesma frequência aparecem *cataraca*, *meleca* e *tatu*. Em Goiânia, porém, 50% dos informantes registraram *meleca*, que concorre com *cutia* (37%).

Na região Sudeste, *meleca* é a única forma registrada em Vitória e no Rio de Janeiro, predominando em Belo Horizonte sobre *catarro*, *mucosa* e *moco*. Em São Paulo, temos oito variantes (*caca*, *meleca*, *ranho*, *cataca*, *catota*, *tiririca*, *catarro* e *bicho-donariz*), das quais *caca* se sobressai em 50% dos informantes.

Diante de tal diversidade, a comparação desses dados do ALiB com a divisão proposta por Nascentes torna-se frágil, indicando uma fase de acomodação da linguagem, pois, se *meleca* está ganhando espaço na maioria das capitais, outras variantes vão se distribuindo por outras delas levadas pelo homem em sua constante mobilização espacial. Pela maior produtividade, pode-se afirmar, no entanto, que *bostela* representa o subfalar amazônico e *catota*, o nordestino, enquanto *meleca* se firma como variante de prestígio devido à sua ampla difusão pelas demais capitais.



Mapa preparado *ad hoc* pelas alunas Juliana Franco e Vanessa Yida (UEL: 2009).

## 2. 5 A distribuição das variantes lexicais para denominar o resto do cigarro que se joga fora

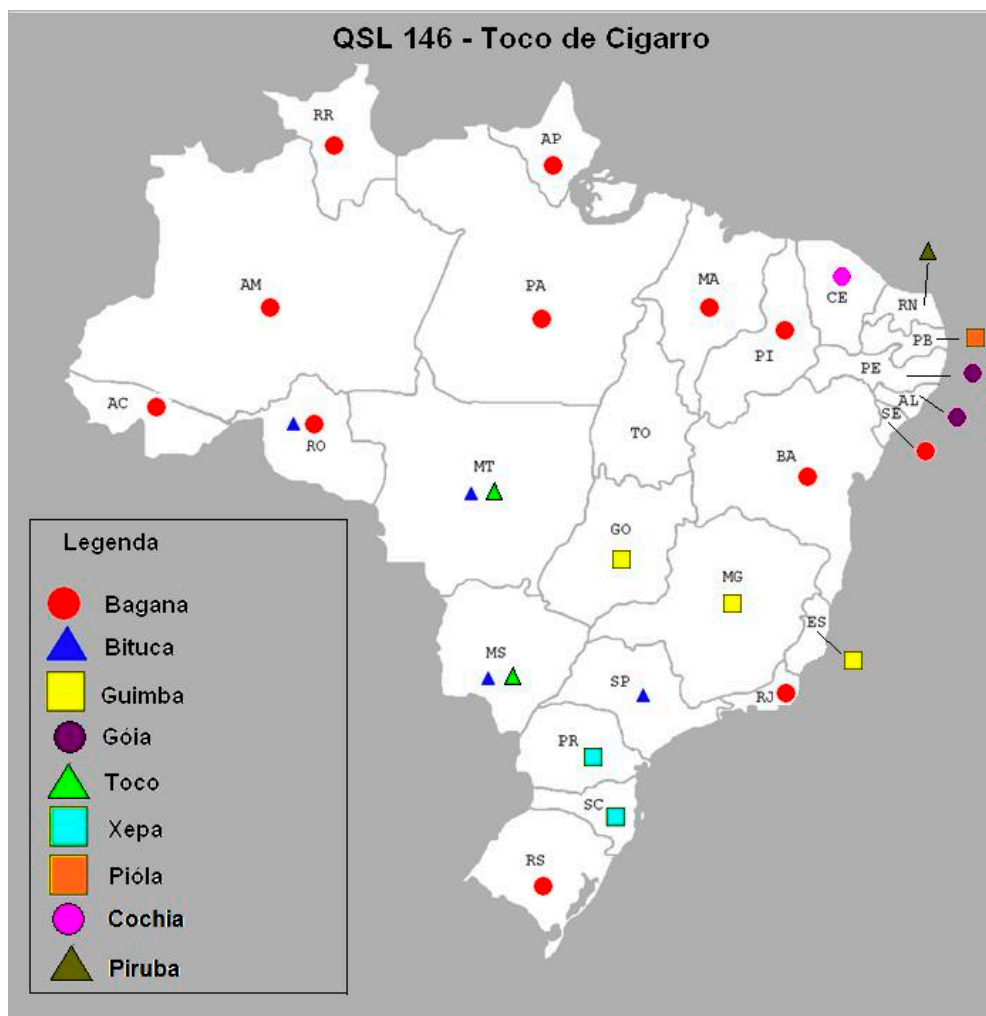
Sobre a Questão 146, para *o resto do cigarro que se joga fora*, do campo Convívio e Comportamento social, o *corpus* traz quase duas dezenas de variantes, como *bagana*, *bitoca*, *bagaço*, *bituca/pituca*, *bia*, *toco/pitoco*, *góia*, *piola*, *cochia*, *piruba*, *guimba/guiba/quimba/binga*, *sobra* e *xepa*.

Na região Norte, *bagana* predomina como forma exclusiva em todas as capitais, com exceção de Porto Velho onde concorre com *bituca*.

As capitais do Nordeste apresentam uma distribuição mais fragmentada, com um número de variantes maior e que não se repetem nas demais capitais. Apenas quatro capitais registram preferencialmente *bagana*: São Luís, Teresina, Aracaju e Salvador; Fortaleza registra *cochia*; Natal, *piruba* e João Pessoa, *piola*, enquanto Recife e Maceió apresentam *góia*.

No Centro-Oeste, *bituca* disputa o espaço com *toco* em Cuiabá e Campo Grande. Em Goiânia, concorre em menor proporção com *guimba* e *toco*. Na região Sudeste, *guimba* é forma predominante em Belo Horizonte e Vitória; *bagana* no Rio de Janeiro e *bituca* em São Paulo. Na região Sul, *xepa* é forma preferencial em Curitiba e Florianópolis, mas em Porto Alegre predomina *bagana*.

Diante de tal diversidade de variantes e de distribuição delas, a comparação desses dados do ALiB com a divisão proposta por Nascentes também se torna frágil, indicando tratar-se de referente suscetível de criações populares oriundas das mais diversas motivações. A maioria das variantes coletadas não está dicionarizada, por se circunscrever apenas à localidade ou região, o que dificulta uma interpretação mais aprofundada dos dados. Por outro lado, pode-se afirmar que *bagana* que, à primeira vista, parecia ser uma variante do falar nortista, aparece com a mais produtiva no Rio de Janeiro e em Porto Alegre, indicando, pois, tratar-se de forma de mais prestígio.

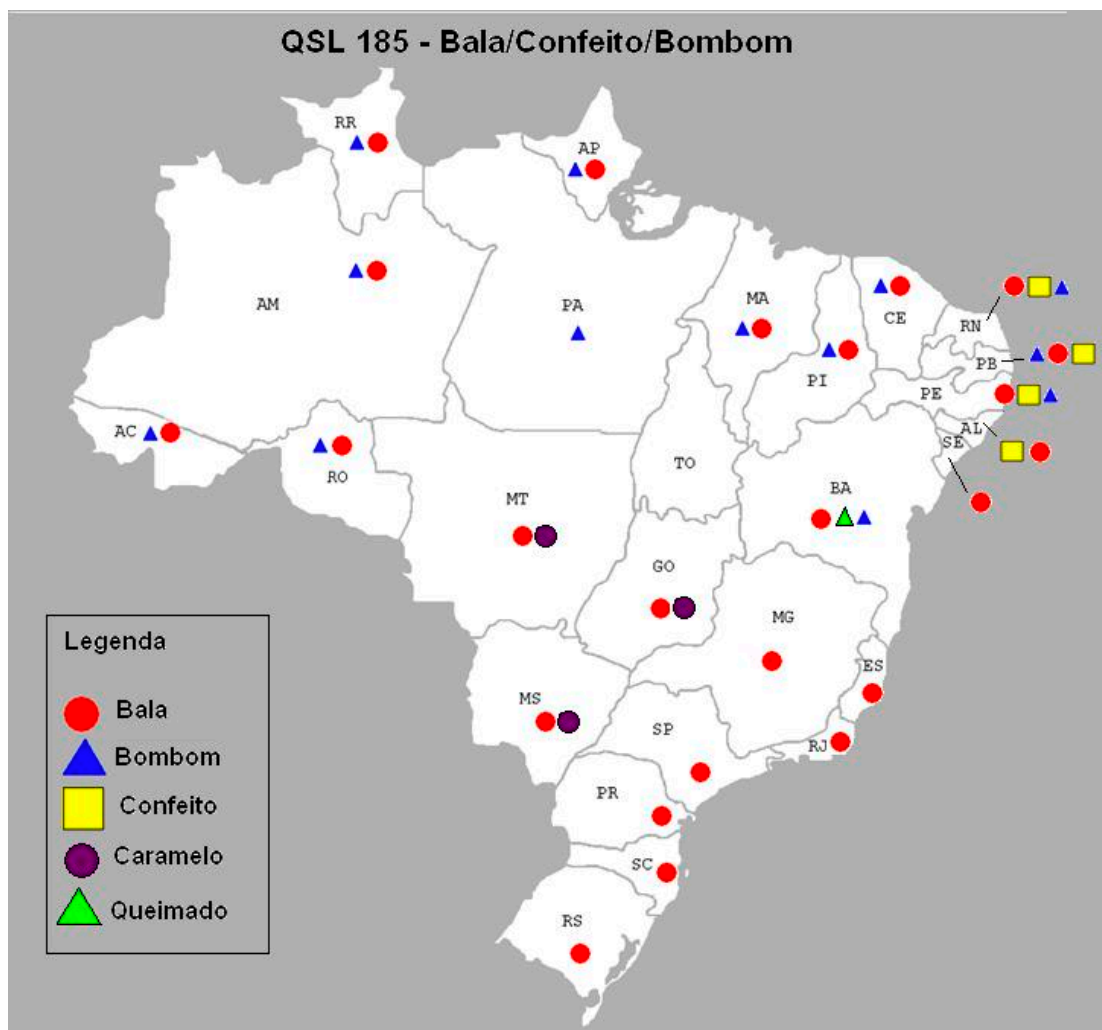


Mapa preparado *ad hoc* pelas alunas Juliana Franco e Vanessa Yida (UEL: 2009).

Finalmente analisamos as respostas dadas à Questão 185 – bala/confeito – do campo Alimentação e Cozinha e verificamos que, embora *bala* seja a variante comum a todas as regiões brasileiras, algumas formas podem ser consideradas dialetais, formadoras de áreas de isoléxicas. Na região Norte, por exemplo, *bala* é a forma inovadora que concorre com *bombom* nos seis Estados, o que inclui Porto Velho que estaria na área do território incaracterístico de Nascentes, em 1953. No Nordeste, a variante *confeito* ainda prevalece sobre a forma mais geral, reforçando a presença de um subfalar nordestino. Do ponto de vista da divisão dialetal de Nascentes, a presença significativa de *bombom* – em doze dos quinze estados, marca muito bem a divisão referente ao falar do Norte, incluindo a capital baiana. A região Centro-Oeste, embora incluída por Nascentes no falar sulista, apresenta *bala* concorrendo com a forma dialetal *caramelo*, de provável origem espanhola. Interessante observar que Cuiabá, na divisão proposta em 1953, estava no território incaracterístico, mas, pelos dados atuais, segue bastante de perto as tendências dos dois outros estados do Centro-Oeste, Mato Grosso do Sul e Goiás, no que tange à forma regional *caramelo* e a mais geral e inovadora *bala*. Quanto às regiões Sudeste e Sul apresentam como única variante *bala*.

O mapa abaixo deixa bastante clara a presença de isoléxicas, que marcam a região Norte, portanto o subfalar amazônico, com *bombom* e o falar nordestino, com *confeito*. O falar do Sul, de Nascentes, amplia seu espectro com a forma comum *bala* em todos os

estados do Sudeste e Sul, portanto sem o registro de subfalares específicos, como o mineiro, o fluminense e o sulista.



Mapa preparado *ad hoc* pelas alunas Juliana Franco e Vanessa Yida (UEL: 2009).

## CONCLUSÕES

Este texto, preparado para discutir a possibilidade de confirmar, com base em dados lexicais coletados para o ALiB, a divisão dialetal baseada em dados fonéticos feita por Nascentes, permite chegar a algumas conclusões:

- (i) A divisão de falares do Brasil em Norte e Sul de Nascentes, ainda que decorridos quase 90 anos depois da proposta de 1923, durante os quais nosso país sofreu profundas mudanças sociais, demográficas, econômicas e políticas, ainda pode ser confirmada, principalmente em relação ao Falar do Norte, com a distribuição de *igarapé* (Norte) e *córrego* (Sul), *tangerina*, *galinha picote*, *bagana* e *bombom/confeito* (Norte).
- (ii) Algumas variantes têm uma distribuição bem marcada que pode ser relacionada com a subdivisão do falar nortista, como o amazônico, com *igarapé*, *picote* e *bostela*; e o nordestino com *laranja cravo*, *capote*, *tô fraco*, *catraca* e *confeito*, por exemplo.
- (iii) O subfalar nordestino demonstra ora convergências, ora divergências nos nove estados que compõem a região Nordeste, principalmente se

compararmos a distribuição de algumas variantes como: *tanja*, exclusiva de São Luís; *capote*, registrada apenas em São Luís, Teresina e Fortaleza; *tô fraco* produtiva em João Pessoa, Maceió e Aracaju; *cochia*, em Fortaleza; *piruba*, em Natal, *piola*, em João Pessoa e *góia* em Recife e Maceió.

- (iv) O então território incharacterístico - representado por grande parte do norte do Mato Grosso, oeste de Goiás, sudoeste de Tocantins e parte de Rondônia – começa a adquirir feição própria, aproximando-se dos subfalares paulistas.
- (v) O falar do Sul, que Nascentes dividiu em subfalares, porém, além de demonstrar menor uniformidade ainda não traz, pelo menos nas variantes aqui analisadas, a divisão nos subfalares fluminense, mineiro e sulista. A denominação deste último eu substituiria por subfalar *paulista* que considero mais apropriada para designar a variante de grande parte dos territórios dos estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, e partes menores de Goiás e Santa Catarina. Nesta minha proposta, reservaria a denominação *sulista* para a variante do Rio Grande do Sul, que, pelo menos no nível lexical que aqui analisamos, se constitui diferentemente dos demais estados. Justifico a denominação de subfalar *paulista* considerando a influência dos paulistas que adentraram o Brasil a partir do século XVII, intensificada nos séculos posteriores em direção ao sul de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso (inclusive o atual Mato Grosso do Sul), Paraná e parte de Santa Catarina.

Essa instabilidade na delimitação de áreas dialetais, no caso os falares e subfalares de Nascentes, sempre foi aceita pelos linguistas da primeira hora, como Gauchat que defendia que:

*a realidade linguística é muito mais complicada do que habitualmente imaginamos, quando recorremos só a conhecimentos de ordem teórica. Dum território para outro surgem diferenças dialetais que em alguns casos são muito profundas e noutros vão desaparecendo a pouco e pouco. (...) Neste campo parecem desempenhar papel importante as fronteiras políticas e administrativas. (apud Iordan (1982, p. 66-67))*

À mesma conclusão chega Menéndez Pidal (1929, apud Iordan: 1982, p. 284), ao considerar que a estabilidade de um limite linguístico, que alguma vez comprovou ou suspeitou comprovar, dificilmente será absoluta. Reafirma que *o mais provável é que um limite, por mais estático que pareça, tenha sido alterado e reformado em algo por correntes posteriores à que determinou a primeira expansão do fenômeno delimitado.*

Dessa forma, as considerações de linguistas e geolinguistas reforçam as nossas conclusões, trazendo a exata dimensão do problema, tais como: (i) o dialeto não oferece unidade absoluta; (ii) a divisão dialetal é arbitrária e (iii) os traços fonológicos e morfológicos são os preferidos quando se pretende traçar áreas dialetais, o que não invalida a busca de delimitação por meio do léxico.

Quanto à ausência de unidade absoluta numa área dialetal, não nos resta qualquer dúvida, pois, qualquer atlas que se tome como referência vai apresentar um número muito reduzido de cartas com as mesmas zonas isoglóssicas, seja de isófonas, seja de isoléxicas. O segundo tópico: a da arbitrariedade da divisão dialetal também parece irrefutável, se voltarmos os olhos para o material geolinguístico de que dispomos, não só nos estudos sobre o português brasileiro, mas em qualquer atlas sobre o qual se debruce.

## REFERÊNCIAS

CINTRA, Luís F. Lindley. *Estudos de Dialectologia portuguesa*. 2 ed. Lisboa: Sá da Costa, 1995.

GARCIA MOUTON, Pilar. *Geolinguística. Trabajos europeos*. Madrid, CSIC, 1994.

IORDAN, Iorgu. *Introdução à linguística românica*. 2 ed. Tradução de Júlia Dias Ferreira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2 ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

PASTORELLI, Daniele Silva; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Estudos Lexicais sobre o campo semântico do corpo humano em capitais brasileiras. In: XVI EAIC - Encontro Anual de Iniciação Científica, 2007, Maringá-PR. *Anais do XVI EAIC - Encontro Anual de Iniciação Científica*. Maringá-PR: EDUEM, 2007.

ROMANO, Valter Pereira; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Um estudo lexicológico sobre as variantes lexicais para a tangerina. In: IV ERIC - Encontro Regional de Iniciação Científica, 2008, Mandaguari. *Anais do IV ERIC - Encontro Regional de Iniciação Científica*, 2008.

SILVA, Greize Alves da; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Geolinguística: um estudo no campo lexical da Fauna Brasileira. *Anais do V Encontro Científico do Curso de Letras*, v. 1, p. 14, 2007.

YIDA, Vanessa & AGUILERA, Vanderci de Andrade. Alimentação e cozinha no Brasil: preliminares de um estudo dialetológico. *Anais do IV Encontro Científico do Curso de Letras* - 2006, v. 1, p. 5, 2006.